

Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos

Luís Cláudio P. Symanski¹

Resumo

Pesquisas em duas unidades domésticas camponesas oitocentistas do sertão do Cariri/CE forneceram informações sobre as práticas econômicas e sociais da população sertaneja dessa região. Utilizando uma estrutura conceitual da antropologia econômica, focalizada na noção de artefatos como *commodities* (Orser 1992), a variabilidade artefactual desses sítios foi abordada como indicativa de relações sociais em diferentes esferas de interação, indo da escala local, referente às relações sociais intra-grupos, à escala internacional, referente ao papel dos itens importados nessas comunidades. Verificou-se, assim, que a lógica econômica dessas comunidades foi predominantemente não-capitalista, sendo típica daquelas sociedades caracterizadas por Dumont (1977) como *intrínsecas*. Por sua vez, a análise diacrônica revelou uma notável manutenção dos padrões de vida material desses grupos, indicativa de que a estrutura social hierárquica da região manteve-se inalterada por todo o século XIX.

Palavras-chave: sociedade sertaneja, cultura material, práticas econômicas

Abstract

Archaeological research in two peasant households, located on the *sertão do Cariri* /CE,

¹ Professor adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná.

furnished important information on both the social and economic practices of the Brazilian backlands population. Using an economic anthropology conceptual framework, based on the idea of artifacts as commodities (Orser 1992), the artifact variability in these sites was understood as indicating different spheres of social interaction, going from the local scale, related to inner group social relationships, to the international, regarding the role played by imported items in these communities. The economic logic of these communities seems to have been predominantly non-capitalist, typical of those societies characterized by Dumont (1977) as *intrinsic*. The diachronic analysis, in its turn, pointed out to a remarkable maintenance of these groups' material life patterns, indicating that the regional hierarquical social structure kept unaltered throughout the nineteenth-century.

Keywords: Brazilian backland society, material culture, economic practices

Introdução

No ano de 2007, a Zanettini Arqueologia executou trabalhos de prospecção arqueológica e resgate na faixa que será impactada pela construção da Ferrovia Transnordestina, no trecho entre os municípios de Missão Velha (CE) e Salgueiro (PE). Estes trabalhos foram desenvolvidos nos quadros do Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural da Ferrovia Transnordestina, sob a coordenação científica de Paulo Zanettini e Luís Cláudio Symanski (Zanettini Arqueologia, 2007a). Dentre uma diversidade de sítios pré-coloniais, foram resgatadas duas unidades domésticas camponesas, ocupadas em diferentes períodos do século XIX, os sítios Queimadas I e Baixa Dantas (Fig. 1), ambos localizados no trecho da ferrovia entre os municípios de

Abaiara e Brejo Santo, no Ceará (Zanettini Arqueologia, 2007b).

A análise de laboratório do material recuperado desses dois sítios históricos (Zanettini Arqueologia, 2008a) mostrou-se altamente reveladora das práticas econômicas, sociais e culturais da população sertaneja que ocupou esta região no século XIX. A variabilidade da cultura material apontou para uma forte dependência dos recursos produzidos nas esferas local-regional, e assim, para uma significativa autonomia dessa população sertaneja com relação ao mercado externo, indicando a manutenção de uma lógica econômica não-capitalista, típica do que Dumont (1977) categoriza como sociedades *intrínsecas*. Para tentar compreender o significado dessa variabilidade em termos de práticas econômicas e sociais, foi utilizada a noção de cultura material como *commodity*, proposta por Orser (1992), bem como uma série de conceitos da antropologia econômica.

Um aspecto adicional a ser destacado é que a presente pesquisa fornece informações inéditas sobre a história um importante segmento da população do nordeste, o sertanejo, um segmento que em raras ocasiões teve condições de deixar registros escritos sobre si próprio, tendo sido documentado somente através das lentes disformes dos segmentos dominantes. Nesse sentido, este trabalho insere-se no que vem sendo considerado, nos últimos anos, como uma das avenidas de pesquisa mais promissoras da arqueologia histórica, a do estudo da história dos grupos desprivilegiados da sociedade (ver Deagan, 1991; Little, 1994; 1997; Orser, 1996).

Os contextos histórico e social

O sertão do Nordeste é ambientalmente caracterizado como de solos rasos e pedregosos e chuvas escassas e mal distribuídas, com

vegetação de caatinga. A pobreza do solo não permitiu o desenvolvimento das grandes fazendas monocultoras, centradas no cultivo e processamento da cana-de-açúcar, com base no trabalho escravo, a exemplo do que ocorreu na Zona da Mata nordestina. Portanto, as características ambientais do sertão fizeram com que seu aproveitamento pelo sistema colonial português adquirisse uma configuração nitidamente diferenciada daquela da região costeira, tendo sido basicamente utilizado para a pecuária extensiva, combinada com agricultura de subsistência, desde a sua penetração inicial pelos portugueses nos séculos XVI e XVII (Gross 1968:369; Moraes 2005:7, 11).

Além da pecuária, o algodão foi outro produto significante da economia do sertão. No período entre 1750 e 1940 este foi um dos principais produtos nordestinos e o único que enfrentou a cana-de-açúcar com algum êxito. A manufatura da fibra de algodão foi de grande valor para a sobrevivência da população sertaneja e era comum as propriedades terem sua fiandeira para a produção de caráter doméstico. Essa produção era comprada por comerciantes para ser vendida em feiras (Ferraz, 2004:45).

A ocupação do sertão do Cariri ocorreu a partir do interior, do rio São Francisco. A Casa da Torre, instalada no oeste baiano, comandada por Garcia de Ávila, iniciou a ocupação das terras do sudeste, abrindo campos para os rebanhos bovinos, paralelamente ao combate aos indígenas. Essas hordas povoadoras eram compostas por bandeirantes, chefiados por paulistas, que visavam combater os índios, assentando-se nas terras que lhes iam sendo dadas como sesmarias (Girão, 1971:94-98). A população dessas sesmarias incluía, além da extensa família do sesmeiro, numerosos outros elementos tais como administradores, agregados, meeiros, capatazes, escravos, comunidades indígenas, dentre outros (Singelmann, 1975:66-67).

As instituições políticas nos municípios

que integravam o interior rural com a administração colonial tinham um caráter um tanto artificial, porque somente poderiam ser representadas pelos *homens bons*, os quais consistiam quase que exclusivamente nos grandes proprietários rurais. Assim, esses latifundiários tornaram-se o poder dominante não somente em suas terras, mas nos municípios nos quais suas terras estavam inseridas. Essa estrutura de dominação política dos grandes proprietários rurais veio a ser denominada *coronelismo*. Originalmente, os coronéis eram os oficiais que chefiavam a extinta Guarda Nacional, título que era concedido aos, ou comprado pelos, mais poderosos latifundiários ou chefes políticos em um município, devido ao grande poder que essa titulação concedia na escala local. Mais tarde esse termo veio a designar, no sertão, qualquer chefe político que possuidor de grandes extensões de terra, dinheiro, e capangas, exercendo assim um papel dominante na política local (Singelmann, 1975:66-67).

Com relação à população camponesa, o sistema de dependência às grandes famílias latifundiárias era a principal instituição, de modo que, nessa estrutura, as linhas de clivagem separavam as facções, não as classes sociais, umas das outras. Assim, os sertanejos defendiam os interesses de seus respectivos patrões, visto que para cada indivíduo era imperativo lutar contra a facção inimiga no seu próprio nível sócio-econômico (Gross 1968: 372, 382; Singelmann 1975:72).

Essa estrutura social do sertão perpetuou-se até a atualidade, sendo ainda comum às grandes propriedades rurais manterem uma população de agregados, os quais praticam a agricultura de subsistência e o cultivo do algodão, sendo uma parte da produção destinada ao proprietário (Johnson, 1997:411). Porém, além dessa elite de proprietários, também se desenvolveu, no sertão, uma categoria de pequenos e médios proprietários, de arrendatários, de tra-

balhadores livres, que podiam encontrar-se em conflito com a grande propriedade ou com a coexistir de uma forma complementar (Bernardes, 2007:52-53). Esta segunda situação caracteriza a região em que está localizado o povoado de Pocinho, nas proximidades do qual situa-se o sítio histórico Queimadas I.

Metodologia de análise

As amostras dos sítios Queimadas I e Baixa Dantas foram constituídas por itens referentes às seguintes categorias materiais: louças, cerâmicas, vidros e metais.

Essas amostras foram trabalhadas com a intenção de identificar a variabilidade e frequências de formas, técnicas de fabricação, decoração e função, com a intenção definir padrões de conteúdo. Majewski e O'Brien (1987:174) afirmam que os padrões de conteúdo são determinados a partir do cálculo das frequências e percentuais das categorias materiais analisadas, sejam essas baseadas em composição material, decoração, função ou valor. A variabilidade das frequências ou percentuais dos tipos definidos podem ser comparadas em um nível intra-sítio/inter-estruturas e inter-sítios, visando definir regularidades ou divergências na formação dos padrões.

Visando trabalhar a forma e função deste material as amostras foram quantificadas por fragmentos e pelo número mínimo de peças (NMP). O NMP é utilizado para determinar a quantidade mínima de peças presentes em uma amostra. Lima (1989:89), tratando exclusivamente do caso das louças, destaca as seguintes variáveis que devem ser consideradas para se efetuar uma quantificação por peças: características do relevo; espessura do caco, considerando-se sua posição na peça (bordas, base, fundos, etc.); tipo, tonalidade e concentração do pigmento utilizado; maior ou menor regularidade na distribuição de elementos decorativos; maior ou menor apuro na aplicação de

decalques; tipo de glasura utilizada, etc. Para ser confiável, esta quantificação só deve ser realizada depois de esgotadas todas as possibilidades de restauração da amostra.

As amostras de louças foram classificadas considerando os seguintes atributos: pasta, esmalte, técnica de decoração, cor, e, quando identificado na literatura especializada, padrão decorativo. Todos esses atributos fornecem indicações referentes ao período de fabricação das peças, de modo que é possível obter cronologias mais apuradas combinando-os, do que considerando somente cada um isoladamente, como, por exemplo, o padrão decorativo ou o tipo de esmalte utilizado. Com relação às amostras de vidro, a análise consistiu na separação dos fragmentos por cores e, em seguida, na identificação de atributos tecnológicos e morfológicos que permitissem determinar o período de produção de cada peça e enquadrá-la em uma das quatro categorias funcionais que foram desenvolvidas: recipientes medicinais, garrafas de bebidas, peças de mesa e outros. O material cerâmico, por sua vez, ainda está em processo de análise no laboratório da Zanettini Arqueologia, de modo que neste trabalho serão utilizados somente os dados quantitativos referentes ao número de fragmentos. A análise deste material está sendo feita com base nos seguintes atributos: forma, técnica de produção, tipo de pasta, tipos de antiplástico, tratamento de superfície, técnica de decoração e motivos decorativos. As amostras são constituídas, em sua quase totalidade, por cerâmicas de produção local ou regional. Tais cerâmicas são artesanalmente produzidas, quase que exclusivamente na técnica de manufatura do roletado, embora ocorram alguns poucos exemplares modelados. A coloração predominante é a marrom, variando entre o marrom avermelhado e o marrom escuro, e as panelas constituem o tipo de peça predominante, seguidas por tigelas e potes. O tratamento de superfície tende a ser o alisado,

com raros casos de decoração plástica ou pintada. Cabe ser destacado que nesta região do Ceará, a tradição da produção de cerâmica para uso doméstico prossegue até a atualidade, havendo, entre os municípios de Abaiara e Brejo Santo, diversas comunidades com ceramistas, em todos os casos mulheres, especializadas na produção desses itens, os quais são comercializados nas feiras e intensamente utilizados pela população local de baixa renda.

As louças da amostra para as quais foi possível obter informações sobre o período de fabricação foram utilizadas para estabelecer o intervalo de ocupação do sítio. Para tanto foi empregado o método gráfico da barra cronológica (South, 1972; 1977). Por outro lado, a Fórmula para a Datação Média de Louças (Fórmula South) não foi utilizada devido ao tamanho reduzido das amostras de louças em ambos os sítios.

O sítio Queimadas I

O sítio Queimadas I situa-se próximo à localidade de Pocinho, um pequeno povoado do município de Abaiara, no centro-sul do Ceará (Fig.1). Esta região é caracterizada por minifúndios familiares, propriedades rurais que são passadas de pais para filhos desde, pelo menos, o final do século XIX, de acordo com informações dos moradores locais. As famílias que ocupam esses minifúndios praticam a agricultura de subsistência, sendo ainda comum a criação de algumas cabeças de gado, cabras e carneiros.

O sítio Queimadas I foi encontrado durante a etapa de monitoramento das obras no segmento da ferrovia Transnordestina entre Missão Velha e Abaiara, em setembro de 2007. De acordo com informações do sr. Antônio Moisés dos Santos (70 anos), morador da localidade, no começo do século XX a área deste sítio era ocupada pela família do lavrador Manuel Tributino, filho de Dona Filomena Tributino. Assim, os vestígios encontrados estão relacionados às

práticas cotidianas do grupo doméstico de um dos pequenos proprietários rurais característicos da estrutura social da região, que ocupou este local nas décadas finais do século XIX.

O conceito de grupo doméstico refere-se a “...um grupo de pessoas co-residindo em uma residência ou composto residencial, e que, até certo ponto, compartilham de suas atividades de manutenção e das decisões a ele relacionadas” (Blanton, 1994:05). Este conceito, portanto, é mais abrangente que aquele de família, por envolver todos os ocupantes de um domicílio, independentemente de vínculos de parentesco. Os vestígios encontrados em sítios domésticos, relacionados às atividades de caráter diversificado que foram realizadas no interior e no exterior das estruturas de habitação, são expressões simultaneamente normativas e idiossincrásicas da unidade mais básica da sociedade em sua interação com a sociedade como um todo (Beaudry 1984:27). Pelo fato do grupo doméstico ser a unidade social responsável pelos vestígios materiais encontrados nas unidades domésticas, e estar integrado à sociedade mais ampla, este tem sido considerado como uma das escalas mais apropriadas de análise para a pesquisa arqueológica (Klein 1991:88).

O sítio Queimadas I caracterizou-se pela presença de uma estrutura escavada, de forma circular dupla, no sedimento de matriz argilosa, de cerca de 12 m² por 1 metro de profundidade (Fig. 2). Essa estrutura foi preenchida com itens materiais relacionados às atividades cotidianas do grupo doméstico que existia na área. A escavação arqueológica nessa estrutura foi iniciada com a abertura de uma quadrícula de 1m² em seu centro, a qual foi rebaixada em níveis arbitrários de 10 cm, visando reconhecer a variação estratigráfica no interior da mesma. A estratigrafia apresentou-se extremamente complexa, com uma diversidade de lentes de sedimento arenoso misturado com cinzas e carvões decompostos, as quais indicam uma série contí-

nua de episódios deposicionais de curto termo. Após a abertura de outra quadrícula central de 1m² e meia quadrícula de 0,50 cm x 1m optamos por subdividir a área em quadrantes, e escavar o restante da estrutura com base nesses quadrantes, rebaixando simultaneamente os quatro quadrantes por níveis arbitrários de 10 cm.

Infelizmente não foram encontrados os vestígios da unidade residencial associada com o material dessa estrutura, provavelmente por ter sido construída com material perecível, como as típicas casas de pau-a-pique ainda bastante comuns por toda a região Nordeste.

É bastante provável que a estrutura em questão tenha sido inicialmente escavada para

a obtenção de matéria-prima (argila) para a construção das paredes da casa e, em seguida utilizada para a deposição do refugo doméstico. Estruturas similares foram verificadas em outro contexto rural oitocentista do interior do Brasil, o sítio Pingador, um pequeno quilombo em Chapada dos Guimarães (MT) (Symanski e Souza, 2006:246), e em uma comunidade quilombola de Vila Bela (MT), neste último caso ainda em processo de preenchimento (Symanski, 2007). Embora tal prática construtiva seja verificada, ainda na África sub-Sahariana e em contextos ocupados por escravos na América do Norte (Ferguson, 1992; Singleton, 1996), para o caso do sítio Queimadas I seria prematu-

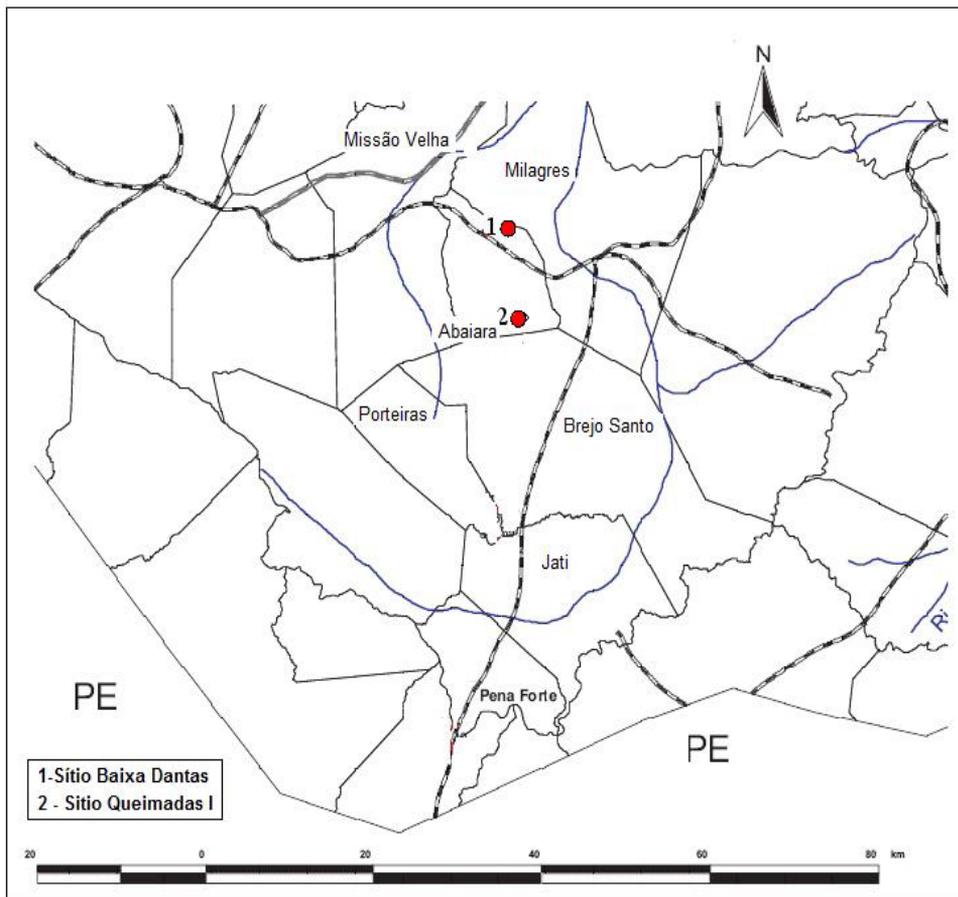


Fig. 1 – Transnordestina – Sítio históricos

ro relacioná-la a uma influência africana direta, posto que os escravos africanos nunca foram numericamente significativos na região, sendo mais coerente considerá-la como mais um dos produtos das trocas culturais entre indígenas, africanos e europeus, que se processaram no Nordeste deste o começo do século XVI.

Os vestígios encontrados no interior dessa estrutura apontam para atividades relacionadas sobretudo ao preparo e consumo de alimentos pelo grupo doméstico em questão. Conforme descrito acima, a microestratigrafia apontou para diversos episódios deposicionais seqüenciais, relacionados ao despejo dos restos de fogueiras (cinzas e carvões) e dos itens utilizados para o preparo e consumo de alimentos, tais como panelas, tigelas e potes de cerâmica de produção local-regional, pratos, xícaras, pires e malgas de louça, talheres de cobre e garrafas de bebida e frascos medicinais de vidro.

O estudo da sobreposição desse material, realizado através da análise da distribuição vertical dos fragmentos referentes a uma mesma peça (*cross-mending analysis*), demonstrou que

essa estrutura foi preenchida em um curto intervalo temporal, provavelmente não superior a 20 anos, sendo que o processo de deposição foi muito provavelmente iniciado na década de 1880, conforme será discutido mais adiante. Estamos, assim, frente a um grupo doméstico que viveu nesta região durante as duas últimas décadas do século XIX.

Antes de avançar nas discussões sobre as práticas cotidianas e comportamento material deste grupo é necessário descrever a amostra que foi recuperada da estrutura do sítio Queimadas.

A Amostra do Sítio Queimadas I

Louças (faiança fina)

Foram recuperados 143 fragmentos de faiança fina do Sítio Queimadas I, os quais representam um número mínimo de 32 peças, identificadas como: 07 pratos brancos de borda lisa, um dos quais com marca de fabricante incompleta, com a inscrição 'England', a qual co-

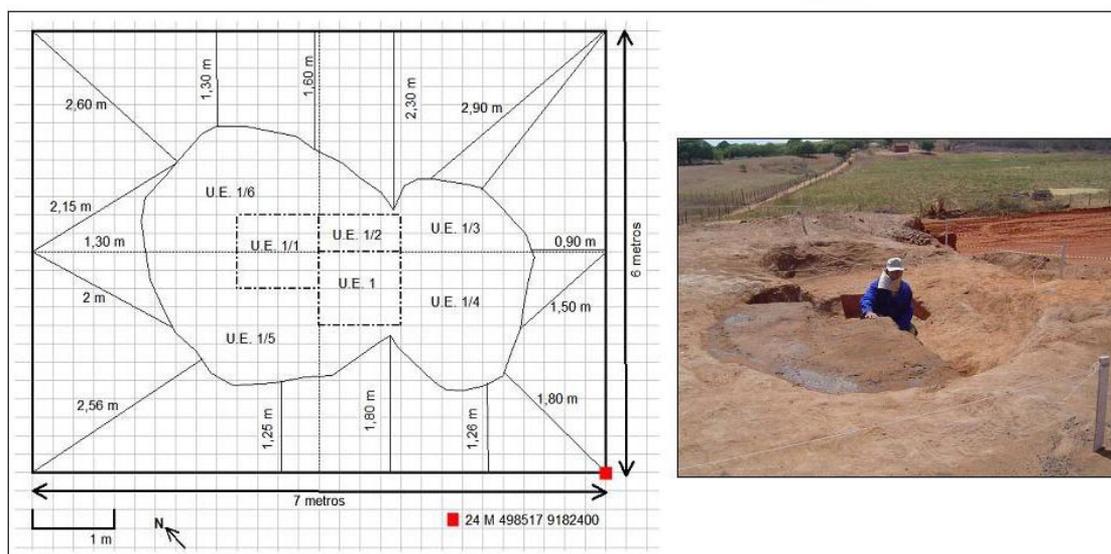


Fig. 2 – Sítio Queimadas I, planta e fotografia da estrutura

meçou a ser aplicada nas louças em 1880 (Kovel e Kovel, 1986:229); 02 pratos brancos com borda em relevo moldados com motivos florais em seqüência, sendo que um dos pratos apresenta a marca de fabricante Baker & Co, referente à fábrica de Fenton, Staffordshire, que funcionou entre 1839 e 1932, porém, por apresentar a inscrição 'England', os exemplares foram produzidos a partir de 1880 (Kovel e Kovel, 1986:142); 03 xícaras brancas sem decoração; uma xícara com decoração em relevo moldado com motivos florais em seqüência; 06 pires brancos fundos, um com a marca Baker & Co identificada acima; um pires branco raso, com marca de fabricante incompleta, apresentando a inscrição 'Wallerfang', referente a alguma fábrica da Alemanha; um pires branco, decorado em relevo moldado com motivos florais, o qual faz conjunto com a xícara descrita acima; 02 malgas brancas, com diâmetros de borda de 7 cm e 6 cm, respectivamente; um prato decorado com friso castanho rente à borda; um prato decorado na técnica do Azul Borrão, padrão decorativo não identificado; um prato no padrão Blue Edged, somente pintado, referente ao período entre 1850 e 1897 (Stelle 2001); uma malga, decorada com faixas e frisos policrômicos, diâmetro de borda 8 cm; uma malga Mochaware, diâmetro de borda não identificado; uma malga dipped ware Blue Banded, produzida entre 1840 e 1900 (Miller 1991), diâmetro de borda não identificado; uma malga com faixa e frisos vinho, diâmetro de borda de 9 cm; um pires pintado a mão no padrão Peasant Style, tons claros, produzido entre 1830-1860 (Majewski e O'Brien, 1987); e uma peça não identificada, decorada com faixa azul (ver Fig. 3).

Vidros

Foram recuperados vinte fragmentos de vidro, os quais são referentes a quatro peças, identificadas como: uma garrafa de bebida cilíndrica, verde-oliva, com marca de molde latitudi-

nal no ombro; um medicinal cilíndrico, verde-água, com inscrições não identificadas no bojo; um medicinal cilíndrico verde-água; um medicinal cilíndrico, incolor; um medicinal em painéis, tipo produzido a partir de 1867, verde-água.

Metais

Três colheres de cobre.

Cerâmica de produção local-regional

Foram recuperados 1447 fragmentos de cerâmica. Dentre as formas identificadas destacam-se panelas para o preparo de alimentos, tigelas para o consumo de alimentos, e potes para o armazenamento de água e alimentos.

As Implicações Cronológicas das Louças do Sítio Queimadas

Visando determinar o provável intervalo de deposição do material presente no sítio Queimadas I, as louças para as quais foi possível identificar as datas iniciais e finais de produção foram representadas graficamente na barra cronológica dos tipos com período de produção identificado, proposta por South (1972) (Fig. 4). A barra cronológica consiste em uma representação gráfica do intervalo de produção de todos os tipos datáveis em uma amostra. Essa representação permite uma aproximação dos prováveis intervalos máximos e mínimos para a acumulação da amostra, bem como do provável período de maior intensidade ocupacional, pautada no princípio de que a maior/menor intensidade de ocupação é representada pela maior/menor freqüência e diversidade dos tipos coexistentes.

Dentre os seis tipos de louças que tiveram seus períodos de produção identificados, o intervalo temporal de cinco tipos abrange a

década de 1880, sendo que em dois tipos a produção foi iniciada em 1880. A presença de fragmentos desses dois tipos na base da estrutura, fortemente indica um processo deposicional iniciado após 1880. Apenas um tipo de louça da amostra não estava mais sendo produzido na década de 1880: o pires pintado a mão no

padrão Peasant Style. Esta peça pode ter sido obtida já usada pelos ocupantes do sítio, na década de 1880 ou ela pode representar um alto grau de retenção no grupo doméstico, tendo sido trazida de uma unidade doméstica anterior onde esse grupo poderia ter vivido antes de se mudar para o sítio em questão.



Fig 3 –Sítio Queimadas I, cerâmicas de produção local/regional, louças e colheres de cobre

Estamos, portanto, diante dos vestígios materiais de um grupo que viveu nessa região muito provavelmente a partir de 1880. Esta data inicial é bastante significativa, posto que 1880 é o ano imediatamente posterior a um dos eventos mais dramáticos que atingiu a população do sertão nordestino no século XIX: a grande seca de 1877-1879. Embora periodicamente assolado pelas secas, sendo registrado, entre 1780 e 1844, um número de nove secas (Vieira Junior, 2002), a seca de 1877-1879 foi considerada uma das mais catastróficas da história do sertão, tendo dizimado cerca de 4% da população nordestina (Martinez, 2002:252). Esta foi a primeira seca após 1844, atingindo o sertão justamente em uma época de abundância e crescimento econômico sem precedentes, gerado pela expansão da cultura do algodão e sua comercialização no exterior. A intensidade dessa seca forçou os camponeses do sertão cearense a abandonarem suas terras e migrarem

para os núcleos urbanos do litoral, principalmente Fortaleza, cuja população quintuplicou em menos de um ano (Neves, 2005:81).

Assim, é bastante provável que o material recuperado seja referente a este período de reestruturação social no sertão a partir de 1880, em que os retirantes sobreviventes estavam reassentando-se novamente nas terras por eles abandonadas em função daquele episódio dramático.

Considerações sobre a variabilidade da amostra: vida material e economia política em um lugarejo do sertão cearense no final dos oitocentos

A primeira característica marcante da amostra do Sítio Queimadas I é a enorme proporção de cerâmicas de produção local ou re-

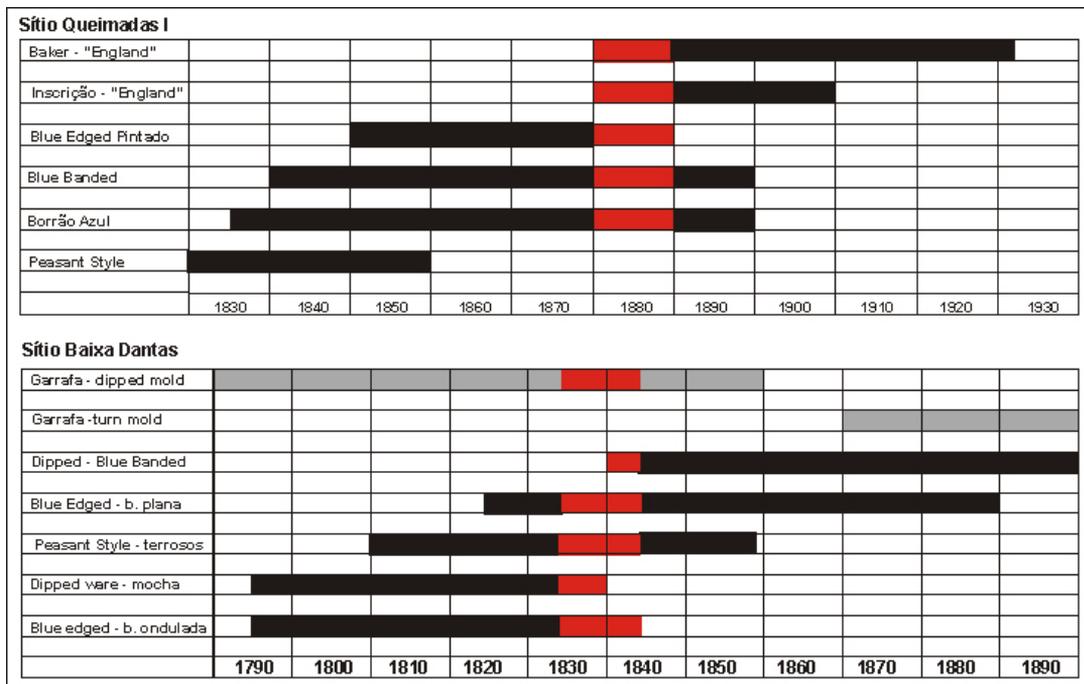


Fig 4 – Cronologia – Sítios Queimada I e Baixa Dantas

gional. Essa categoria material está representada por 1447 fragmentos, os quais constituem 87,64% do total de itens dessa amostra.

Para explorar o potencial informativo dessa amostra será necessário apresentar alguns conceitos fundamentais para o entendimento das relações entre esse sistema de objetos, as práticas econômicas nos âmbitos local, regional, nacional e internacional, e as relações sociais do grupo doméstico em questão. Nesse sentido será a adotada a noção, proposta por Orser (1992), de artefatos arqueológicos históricos como *commodities*, os quais têm uma existência não apenas econômica, mas também social. *Commodities* são os bens e serviços produzidos para um mercado, os quais podem ser comparados e comercializados sem referências à matriz social na qual eles foram produzidos (Wolf, 1982:310).

No sistema capitalista, os *commodities* são transformados em medidores da dignidade das pessoas, sendo, assim, elementos centrais para a manutenção da ideologia de classes, a qual sustenta e reproduz as desigualdades sociais (Plattner, 1989:387). De acordo com Appadurai (1986:56-57), o valor dos *commodities* é criado através do comércio, de modo que o foco da análise deve ser direcionado para as coisas que são comercializadas, antes do que para o processo de comercialização. Esta ênfase nas coisas comercializadas, como observa Kopytoff (1986:64), permite vislumbrar a natureza dinâmica da cultura material, na qual um determinado item pode ser tratado como um *commodity* em uma instância e como algo diferente em outra, de modo que a biografia cultural e a história dessas coisas tornam-se centrais para entender os modos nos quais elas foram usadas na estruturação das relações sociais.

Nesse sentido, as três classes de artefatos que serão mais profundamente abordadas, faianças finas, vidros e cerâmicas de produção local-regional (sobretudo aquelas produzidas

para comercialização), podem todas ser consideradas, em um primeiro nível de análise, como *commodities*, sendo que cada qual tenderá a representar diferentes valores econômicos e sociais. Os conceitos de Aristóteles de valor de uso e valor de troca (ver Orser, 1992:97) são úteis para caracterizar a significância de cada uma dessas classes. O valor de uso consiste na habilidade de um objeto para satisfazer um desejo humano, enquanto que o valor de troca refere-se ao número de objetos ou serviços que um único objeto pode comandar em uma transação comercial.

Finalmente, deve ser considerado que diferentes grupos podem atribuir significados econômicos, sociais e simbólicos diferenciados aos mesmos itens, de modo que a cultura material deve ser contextualmente avaliada. Assim, em contextos determinados, alguns artefatos ou categorias de artefatos podem ter um valor simbólico, o qual será determinante para a afirmação de identidades e a formação da consciência das desigualdades estruturais de um sistema (Kearney, 1995:158). Conforme afirma Kearney (1995:168-169), tais símbolos, quando consumidos, “...nutrem a identidade de classe do consumidor o qual, dessa forma, consome valor de acordo com estratégias de resistência – resistência que é freqüentemente integral para a reprodução das diferenças de classe”.

Para o contexto do sítio Queimadas I, as faianças finas foram a classe de artefatos que apresentaram o mais elevado valor de troca, pelo fato de serem itens industrializados europeus os quais, além de seu valor utilitário (ou de uso), apresentavam significância social como indicadores do status sócio-econômico de seus proprietários. Os itens de vidro, embora também sejam produtos industrializados importados, apresentaram um valor de troca abaixo do das faianças finas, por tratarem-se, no caso em questão, de garrafas de bebida e frascos de medicamentos, antes do que itens

ornamentais de valor econômico mais elevado. Finalmente, as cerâmicas de produção local-regional tenderam a ter o mais baixo valor de troca, embora seu valor de uso fosse, como será discutido adiante, o mais elevado dentre as três categorias para o grupo doméstico que ocupou o referido sítio.

No gráfico 1 pode ser observado a proporções de cerâmicas de produção local-regional, faianças finas e vidros na amostra. Conforme apresentado nas listagens de material do item 3, as faianças finas estão representadas por 137 fragmentos (8,5%) e os vidros por apenas 20 fragmentos (1,3%), enquanto que a cerâmica de produção local-regional está representada por 1447 fragmentos (90,25).

A enorme predominância das cerâmicas de produção local-regional indica uma forte tendência desse grupo doméstico a se manter com base no mercado de produção e comercialização de âmbito regional, utilizando poucos itens de produção exógena, como as louças européias. Conforme informado, nesta região do Ceará, a tradição da produção de cerâmica para uso doméstico prossegue até a atualidade, havendo ceramistas em diversas comunidades rurais especializadas na produção desses itens, os quais são comercializados nas feiras e em armazéns das cidades, sendo intensamente utilizados pela população local de baixa renda. Verifica-se, portanto, que esse grupo manteve um elevado grau de autonomia em relação às economias nacional e internacional, posto que as duas últimas foram referentes a apenas 10% de sua vida material. Se aliarmos essas informações à tradicional prática sertaneja da agricultura de subsistência, constatamos que estamos diante de um grupo que manteve uma forte autonomia econômica, cujos laços de dependência estavam diretamente vinculados às duas esferas de interação mais próximas à unidade doméstica: as esferas local e regional.

Esta autonomia material, por sua vez,

também estava muito provavelmente relacionada à subcapitalização desses grupos domésticos da região, caracterizados, como anteriormente referido, como pequenos proprietários rurais, com economia baseada na agricultura de subsistência, criação de pequenos rebanhos, e prestação de serviços diversificados aos grandes proprietários rurais. Em uma economia subcapitalizada, em que o capital está centralizado nas mãos de um pequeno grupo (os grandes proprietários rurais), há uma tendência para que a massa da população desenvolva determinados mecanismos para a obtenção dos itens de consumo necessários para o seu cotidiano, dentre os quais destaca-se o desenvolvimento de um sistema de trocas dos bens de produção local em um determinado centro. Este centro será o *locus* de circulação do capital e dos *commodities* de produção local e regional. Para o caso do sertão do Nordeste este *locus* foi e continua a ser a feira.

A feira constitui-se, portanto, no sistema econômico do mercado para o sertanejo. Através da feira o sertanejo pode vender a sua produção da esfera doméstica e adquirir os demais itens necessários para a sua subsistência e para a manutenção de suas práticas sociais. Kroeber (1948) já chamava a atenção para a lógica das economias camponesas, cuja racionalidade consiste em fazer as decisões econômicas em termos da sobrevivência de longo termo do grupo doméstico, antes do que pautadas no lucro imediato. Nesse sentido, a lógica econômica dessas populações consiste em inserir os *commodities* por elas produzidos no mercado (na feira) com o propósito primordial de obter outros *commodities* antes do que o lucro. Assim, a feira consistirá em um meio de subsistência antes do que um meio que visa a acumulação de capital.

Esta dependência econômica da feira, por sua vez, aponta para a necessidade deste grupo de manter fortes vínculos sociais na escala da comunidade onde está inserido, assim

como na escala regional. Estamos, portanto, diante de uma lógica não-capitalista, a qual ainda está muito presente nas relações sociais dos sertanejos. Estudando a questão da hierarquia em diversas sociedades, Louis Dumont (1977) caracterizou as sociedades não capitalistas como intrínsecas, no sentido de que a posição do indivíduo na sociedade está relacionada com o que ele é, antes do que com o que ele possui. O que o indivíduo é está intimamente vinculado com a sua esfera de interação social, ou seja, com as relações que ele mantém com outras pessoas, antes do que com a posse de bens materiais. Por outro lado, nas sociedades capitalistas ocidentais, a hierarquia é caracterizada como extrínseca, no sentido de que a posição social do indivíduo será marcada pela quantidade de seus bens materiais, sendo, assim, o relacionamento entre as pessoas e as coisas que determina o lugar de alguém em uma estrutura social. Este fator determinante dos bens materiais na caracterização das posições sociais, que emergiu com o advento do capitalismo, tem como marca registrada o individualismo.

Desnecessário dizer, portanto, que a caracterização intrínseca das relações sociais entre a população sertaneja, (exemplificada pela dependência da mesma no mercado local-regional – feira –, em que alimentos são trocados por produtos artesanais e vice-versa), é pautada em valores não-capitalistas, em que qualidades como honra, coragem, trabalho, valor da palavra, e resistência às adversidades são mais valorizadas do que a posse de bens materiais. Isso explica a condição de celebridades históricas a que foram alçados, na região, indivíduos caracteristicamente depauperados, como os cangaceiros (destacando-se Lampião) e religiosos errantes, como Antônio Conselheiro.

Cabe, contudo, ser destacado, que a lógica não-capitalista em questão pode ter sido típica das comunidades sertanejas, porém, os grandes proprietários rurais da região, desde o

período colonial, já estavam enquadrados no capitalismo: produção voltada ao lucro e uso de trabalho ou assalariado, ou de agregados, ou de escravos, ou uma combinação variável entre essas três formas de trabalho. Assim, as esferas de interação desta elite ultrapassavam as escalas local e regional, focalizando nas escalas nacional e internacional. Nesse sentido, cabe ser destacado que já no século XIX esta elite começou a se preocupar em encaminhar os seus filhos para a grande capital mais próxima, Recife, para estudarem e aprenderem padrões de comportamento mais cosmopolitas, e assim distinguirem-se não somente materialmente, mas também em termos de comportamento social, da população sertaneja da região. Embora não tenham sido realizadas escavações nas unidades domésticas desse grupo, é bastante provável que sua posição social tenha sido materialmente demarcada, através do uso de bens materiais importados em uma proporção bastante superior a daqueles utilizados pela população sertaneja, assim afirmando uma ordem social extrínseca, pautada na posse dos bens materiais.

Voltando o foco da análise para os produtos industrializados do sítio Queimadas I, chama a atenção o fato de os itens de vidro estarem tão pouco representados na amostra desse grupo doméstico, constituindo somente 1,3% das três categorias materiais aqui abordadas (ver gráfico 1). Dentre as cinco peças de vidro que compõem a amostra, quatro são referentes a frascos de remédios, e apenas um a uma garrafa de bebida. Verifica-se, novamente, neste caso, a pouca dependência do mercado externo pelo grupo doméstico em questão, privilegiando, em suas compras, remédios que poderiam ter sido indispensáveis para o tratamento de determinadas moléstias e que consistiram, assim, em um tipo de produto não passível de ser localmente produzido, diferentemente das bebidas alcoólicas. Com relação a estas últimas, cujo consumo está atestado na amostra pela presença de ape-

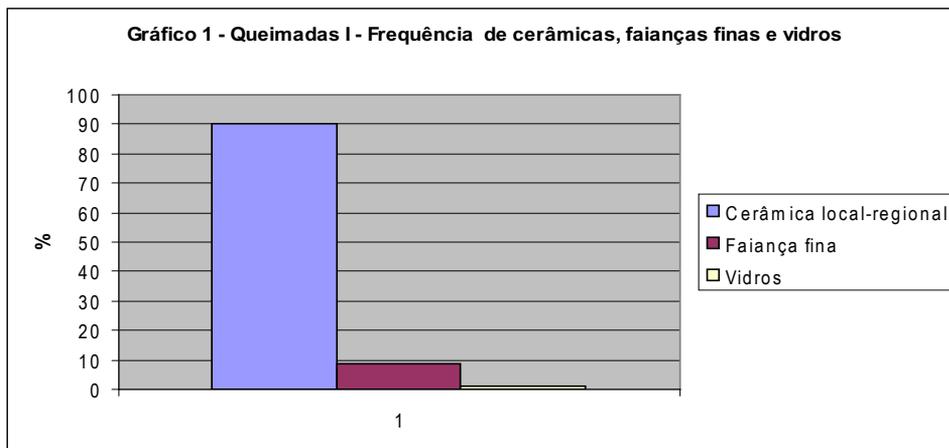
nas uma garrafa, cabe ser lembrado que nessa região do Cariri, diferentemente de outras regiões do sertão, foi comum a implantação de engenhos de açúcar já em meados do século XVIII, devido à maior abundância de água na Chapada do Araripe, com Crato tornando-se um grande centro fornecedor de açúcar e de rapadura (Filho 1969:155). Assim, a cachaça de produção local-regional pode ter sido a bebida alcoólica mais consumida pela população sertaneja, a qual poderia utilizar garrafas de vidro usadas e mesmo potes de cerâmica, para o seu armazenamento.

As louças, por sua vez, constituem a categoria material mais indicativa de uma esfera de interação mais ampla: a do capitalismo internacional, sobretudo da produção industrial européia. Em termos de decoração, essa amostra caracteriza-se pelo predomínio das louças mais baratas, brancas (59,3%) e minimamente decoradas (34,4%), com apenas uma peça pintada a mão, e uma decalcada (decorada na técnica do transfer-printing) (ver Miller 1980; 1991). Porém, embora não ocorram exemplares de alto valor econômico, como jogos combinados de faiança fina decalcada (transfer-printed), ou de porcelana, comuns nas unidades domésticas da elite nordestina nessa época, conforme demonstra a amostra de louças do Engenho Firmeza,

na Zona da Mata pernambucana (ver Zanettini Arqueologia 2008b; Symanski em preparação), é bastante provável que mesmo as louças mais simples do sítio Queimadas I fossem consideradas como bens de prestígio pela população local, por se tratarem de itens exógenos, similares, ao menos em composição, a aqueles usados pela classe dos grandes proprietários da região. Assim, cabe uma análise mais pormenorizada da variabilidade morfológica dessas peças que possa ser indicativa de seus principais contextos de uso.

O gráfico 2 apresenta a frequência das formas de louça. Verifica-se que os pratos compuseram a categoria funcional mais frequente, constituindo 37,5% dessa amostra, sendo seguidos pelos pires (28,1%), malgas (18,7%), xícaras (12,5%) e não identificados (3,1%). A maior popularidade dos pratos sugere uma maior intensidade de refeições envolvendo alimentos sólidos, enquanto que as malgas indicam que o consumo de ensopados também foi comum. Deve ser considerado, porém, que o uso de malgas pelo grupo em questão pode ter sido tão intenso quanto o uso de pratos, posto que na amostra de cerâmica local-regional há diversas peças nas formas de malgas-tigelas, de modo que é provável que o consumo de ensopados por esse grupo do-

Gráfico 1 - Queimadas I - Frequência de cerâmicas, faianças finas e vidros



méstico tenha sido quase tão intenso quanto o consumo de alimentos sólidos. Nesse sentido as descrições de viajantes e cronistas sobre os hábitos alimentares dos sertanejos podem ser úteis para elucidar a variabilidade morfológica dessa amostra.

As refeições das famílias ricas do sertão cearense oitocentista foram tão bem descritas por João Brígido (1829-1921), que vale a pena transcrever um trecho de seu ensaio *O que se comia no Nordeste*:

Um almoço de rico, nos sertões, era antes das sete horas da manhã, o jantar as doze, a ceia ao cair da noite.

O primeiro consistia principalmente em carne com pirão, o segundo idem, o terceiro idem, com esta diferença – que no jantar havia, de ordinário, um assado com molho chamado “de ferrugem”, e vinha por último, para cada um, a sua tigela de caldo da mesma panela. Seguia-se a sobremesa, que era melão com farinha, ou doces de frutas da terra em mel de rapadura, ou queijo com a dita, melancia, melão, etc.

A ceia, no inverno, era uma tigela de coalhada, que se *lapeava* com uma colher de ferro ou de latão.

Como epílogo, a cada uma dessas refeições, rezava-se o *bendito*, e tomava-se a benção ao chefe de família.

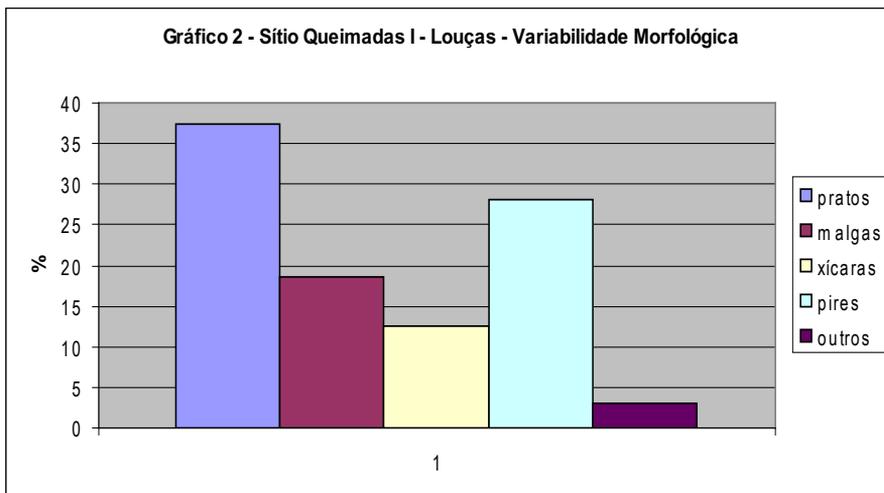
Uma coisa bem entendida: as mulheres não vinham à mesa no copiar. Comiam no fundo da casa, em companhia da dona (...).

Os escravos não partilhavam da panela da família (...).

O que não havia então, era o café, tampouco o chá (in: Cascudo 1977:136-137).

Esta descrição deixa bem claro que alimentos preparados na forma de ensopados (caldos) e pastosos (pirão e coalhada) eram tão frequentemente consumidos quanto as carnes e alimentos mais sólidos, o que parece estar em plena concordância com a frequência desses dois tipos de peças na amostra do sítio Queimadas I. Em adição, cabe ser destacado que os únicos talheres presentes na amostra são três colheres de sopa de cobre, as quais também indicam o consumo de ensopados.

Por outro lado, a observação sobre a inexistência do consumo do chá e do café não são coerentes com a presença dessas peças na amostra. Poderia isto indicar que o consumo dessas bebidas, mais provavelmente do café, foi mais comum nessa região do que descrevia o cronista, pelo menos para as décadas finas do século XIX? Ou poderiam tais peças estarem sendo utilizadas para outras finalidades que não



o consumo dessas bebidas quentes? Ambas as possibilidades são prováveis e seria necessário uma pesquisa mais minuciosa na documentação escrita e na história oral da região para verificar a intensidade do consumo dessas bebidas no período em questão, ainda mais se for levado em conta que o consumo do chá e do café eram comuns no litoral e na Zona da Mata nordestina já no começo do século XIX, como observou Henry Koster (in Cascudo 1977:165). Em todo o caso, chama a atenção no gráfico 2 a grande desproporção entre pires e xícaras nessa amostra, com os primeiros apresentando-se no dobro da quantidade das segundas. Esta desproporção é um forte indicativo de que os pires tiveram uma intensidade de uso bem maior do que as xícaras, e assim muito provavelmente foram sujeitos a funções múltiplas, antes do que servirem apenas como suportes das xícaras. Cabe ainda ser destacado que a grande maioria dos pires da amostra são fundos, de modo que poderiam ser usados como pequenos recipientes de alimentos pastosos e mesmo de bebidas quentes.

Por sinal, é bastante provável que a maior parte dos tipos de peça de louça dessa amostra possa ter tido funções múltiplas, relacionadas ao preparo, exposição e mesmo estocagem de alimentos, posto que, conforme averiguou Scott (1997) ao pesquisar livros de receitas de cozinha anglo-americanos dos séculos XVIII e XIX, a multiplicidade de funções das louças em geral era bem mais ampla do que atualmente concebido. Possíveis funções para os pires poderiam incluir seu uso para servir condimentos e também como pratos pequenos, como era comum nos Estados Unidos no século XVII (Beaudry et al., 1991:27). Uma função mais provável é aquela identificada por Lima (2000), ao analisar amostras de uma série de contextos rurais e urbanos do Rio de Janeiro oitocentista. Ela observou uma situação similar de maior popularidade dos pires em relação às xícaras, a qual ela explicou considerando a prática, co-

num naquela época, de consumir o chá em pires fundos, visando esfriar a infusão. Conforme a referida autora:

Uma possível explanação para o fato pode ser o hábito arraigado de sorver o chá diretamente do pires e não na malga ou xícara, o que levaria a um manuseio mais intenso dessas peças e, por conseguinte, a quebras mais freqüentes. Isto parece se confirmar pela quantidade maior dos pires fundos que dos rasos, sugerindo que de fato eles foram muito mais manuseados, na primeira metade do século XIX, que os rasos, na segunda metade, o que aponta fortemente para tal prática. Um costume nem sempre reconhecido – porquanto passou a ser considerado impróprio e atribuído a pessoas sem distinção – que talvez fosse praticado apenas nas áreas privadas das unidades domésticas (Lima, 2000).

Embora esta possa ser uma hipótese bastante plausível para o caso dos pires do sítio Queimadas I, deve ser considerado que o contexto geográfico e cultural desse sítio é completamente distinto daquele dos sítios trabalhados por Lima, de modo que poderiam ainda ter sido atribuídas outras funções a essas peças. Em todo o caso, a desproporção em favor dos pires em unidades ocupadas por grupos de baixo poder aquisitivo parece ter sido comum no Brasil, pois a mesma foi verificada também em áreas de senzalas e unidades de agregados no Engenho Água Fria, datados da segunda metade do século XIX, em Chapada dos Guimarães/MT (ver Symanski, 2006:189, 219). Assim, é bastante claro que o grupo doméstico do sítio Queimadas I atribuiu funções a essas peças que não eram condizentes com os modos de uso da elite, em que os pires tinham como única função o suporte das xícaras, seja para o consumo do chá ou do café, e assim, na qualidade de itens supérfluos e especializados, atuavam como marcadores da distinção social de seus usuários.

Constata-se, portanto, que as louças do sítio Queimadas I, embora representando a inserção desse grupo em uma esfera de interação que ultrapassava o limite regional e assim podendo atuar como bens de prestígio no contexto local, tiveram formas de uso menos especializadas que aquelas atribuídas a essas peças pelos segmentos altos do meio rural, e mesmo dos segmentos médios dos núcleos urbanos de maior porte (ver Symanski, 2002). Nesse sentido, a ausência de peças de louça de servir indica que esse grupo se servia diretamente das panelas de cerâmica ou de vasilhames de cerâmica local-regional. Da mesma forma, deveriam ser simultaneamente utilizados, no consumo dos caldos, malgas de louças e tigelas de cerâmica, provavelmente com as primeiras sendo destinadas aos indivíduos de maior *status* no interior do grupo doméstico e aos possíveis visitantes. Assim, tais louças, antes do que atuarem na esfera da competição social, como era o caso entre os segmentos urbanos médios e altos, influenciados pelo discurso capitalista industrial do ideal de domesticidade (ver Lima 1999; Symanski 2002), foram provavelmente reapropriadas dentro do sistema de valores dos sertanejos da região, valores, conforme discutido anteriormente, de uma sociedade intrínseca, não-capitalista. Dessa forma, as louças foram possivelmente empregadas em formas de sociabilidade que destacavam ideais tais como solidariedade, reciprocidade e respeito, valores cuja manutenção era essencial para a família garantir sua posição social, seus laços dentro da comunidade, e mesmo sua sobrevivência, em uma sociedade em que o status do indivíduo era marcado muito mais pelas relações sociais do que pela posse de bens materiais.

O sítio Baixa Dantas

O sítio Baixa Dantas consiste em um sítio arqueológico multicomponencial, com

um componente caçador-coletor, associado a material lítico, e um componente histórico do século XIX, referente aos vestígios de uma pequena unidade de habitação camponesa. Esse sítio localiza-se na Fazenda Irapuá, município de Abaiara, estando implantado em uma colina baixa, na qual blocos soltos de arenito silicificado são abundantes (Fig. 5).

Embora não tenham sido obtidas informações sobre os possíveis ocupantes desse sítio no século XIX, trata-se, novamente, de uma pequena unidade rural, cujos ocupantes poderiam ser ou agregados de uma grande propriedade ou pequenos proprietários. Conforme será melhor detalhado abaixo, o material recuperado deste sítio aponta para uma ocupação mais provável no segundo quartel do século XIX.

O Trabalho de Campo

A equipe da Zanettini Arqueologia, realizou as seguintes atividades nesse sítio: abertura de doze tradagens em forma de cruz; coleta ponto-a-ponto com GPS, realizada em 106 pontos; e abertura de uma área de escavação de 13m².

O sítio apresenta uma delgada camada de sedimento com material arqueológico na área do topo da colina, onde se situam os vestígios da unidade de habitação histórica. Nesse local foi aberta uma área de escavação de 13m², composta por: uma trincheira de sete metros de comprimento por 0,50 metros de largura, uma quadra de 2 x 2m na extremidade N dessa trincheira, uma quadra de 1 x 1m e uma de 1 x 0,50m ambas no lado oeste da trincheira, e uma quadra de 1 x 0,50 no lado leste da mesma.

Essas unidades de escavação revelaram escasso material arqueológico, concentrado somente nos quinze centímetros superiores da camada de solo argilosos castanho, sobretudo relacionada ao componente histórico do sítio.

A Amostra do Sítio Baixa Dantas

Conforme mencionado, o sítio Baixa Dantas apresentou uma amostra bastante reduzida de material histórico, composta por 390 fragmentos, dos quais 338 são referentes à cerâmica de produção local-regional. Infelizmente essa amostra cerâmica encontra-se extremamente fragmentada, de modo que não foi possível identificar as formas dos vasilhames. A identificação das demais categorias materiais segue abaixo.

Faianças finas

Foram recuperados 29 fragmentos de faiança fina, os quais representam um número

mínimo de oito peças, identificadas como: 03 pratos no padrão Blue Edged, borda ondulada, incisões curvas, produzido entre 1794 e 1845 (Stelle 2001); um prato, Blue Edged, borda plana, produzido entre 1825 e 1891 (Stelle 2001); um prato, borda pintada, tipo não identificado; um pires, Peasant Style, tons terrosos, produzido entre 1810 e 1860 (Majewski e O'Brien 1987); uma malga, dipped ware, mochaware, produzida entre 1795 e 1840 (Miller, 2000:12); uma malga, dipped ware, Blue Banded, produzida entre 1840 e 1900 (Miller, 1991:07).

Vidros

Foram recuperados 20 fragmentos de vidro, referentes a apenas duas garrafas de bebida cilíndricas, sendo: uma verde-oliva, produzida

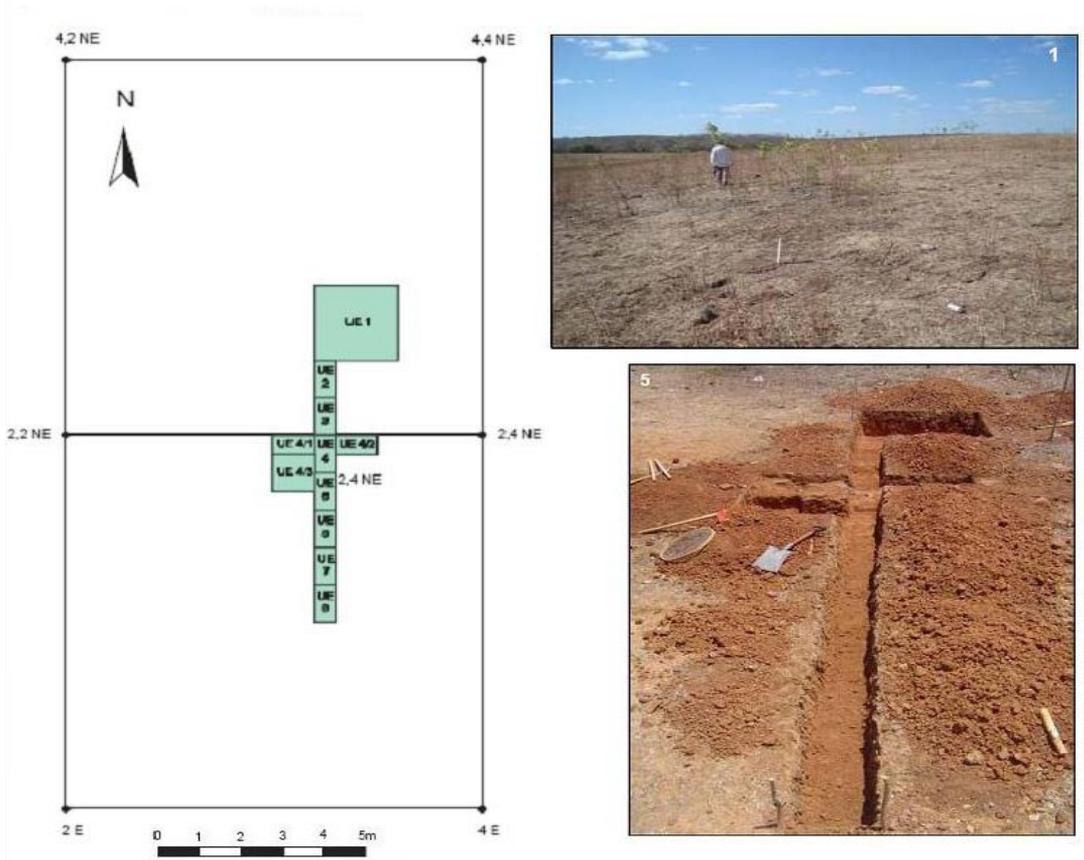


Fig 5 – Sítio Baixa Dantas

em *turn mold* – técnica que se caracteriza pelo uso de movimentos giratórios quando a peça encontra-se no molde, gerando estrias horizontais depois que ela é resfriada; empregada entre cerca de 1870 e 1920 (Jones & Sullivan 1989); uma verde-escura (preta), produzida em *dipped mold*, o qual começou a ser utilizado no final do século XVII, sendo comum até meados do século XIX (Baugher, 1982).

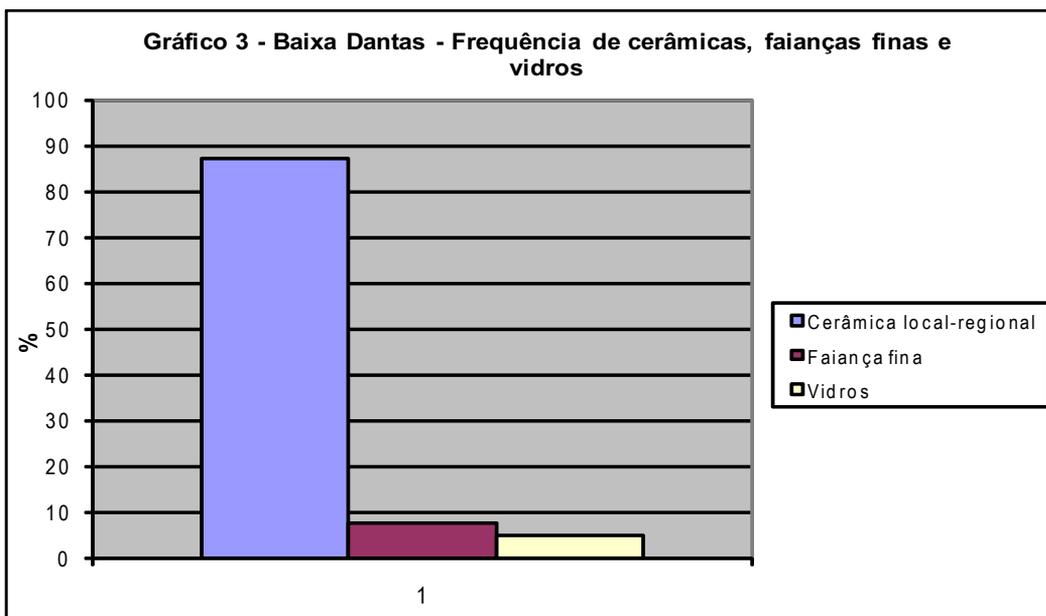
As Implicações Cronológicas da Amostra

As louças e vidros passíveis de datação tiveram seus intervalos de produção representados no gráfico de barras (Fig. 4). A sobreposição das barras cronológicas sugere uma maior intensidade de ocupação nas décadas de 1830 e 1840. A possibilidade de este sítio ter sido ocupado durante um período posterior é apontada pela presença de uma garrafa produzida em *turn mold*, tecnologia que começou a ser empregada em 1870. Porém, tal peça é anacrônica com o restante da amostra, podendo se tratar de uma deposição posterior, tal-

vez referente a uma rápida ocupação deste sítio no final do século XIX.

A variabilidade das louças da amostra

Infelizmente a amostra de louças do sítio Baixa Dantas é muito reduzida para permitir uma análise quantitativa confiável que indicasse se os padrões de usos dessas peças poderiam corresponder a aqueles verificados no sítio Queimadas I. De qualquer forma verifica-se a ocorrência de pratos, malgas, e apenas um pires, com os pratos compondo 62,5% da amostra (5 peças). Tais freqüências sugerem, novamente, o consumo mais intenso de alimentos sólidos, adicionado de ensopados em uma provável menor proporção. A presença de apenas um pires, por sua vez, pode ser indicativa que o consumo das bebidas quentes, café e chá, somente foi adquirida pela população sertaneja em um período posterior, o que estaria coerente com a descrição acima referida de João Brígido, sobre o não consumo dessas bebidas no sertão oitocentista.



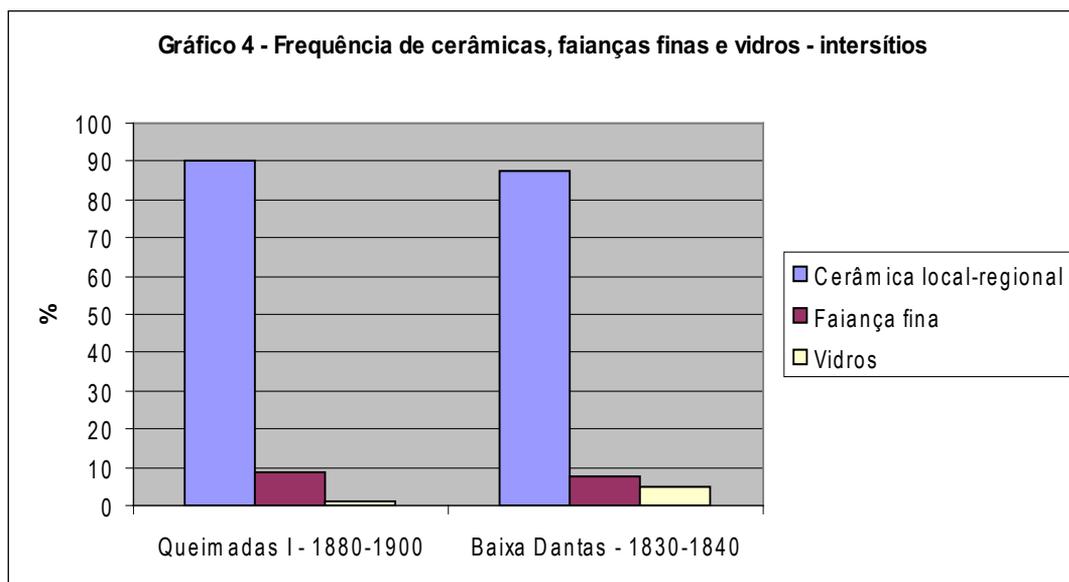
A variabilidade das amostras e a continuidade nas práticas econômicas e sociais da população sertaneja oitocentista

No gráfico 3 pode ser observado as proporções das três principais categorias materiais históricas recuperadas no sítio Baixa Dantas (cerâmicas de produção local-regional, louças e vidros). Apesar das limitações quantitativas, verifica-se, a exemplo da amostra do sítio Queimadas I, a enorme dependência do grupo que ocupou este sítio nos recursos locais.

De fato, a similaridade na frequência das três categorias materiais entre os dois sítios estudados é tão marcante que merece ser visualizada em um gráfico específico (gráfico 4). Esta enorme similaridade nos padrões de vida material de dois grupos domésticos, que viveram na mesma região nos períodos inicial e terminal do século XIX, demonstra uma notável estabilidade da vida econômica dessa população sertaneja oitocentista, estabilidade no sentido de que foram mantidas, ao longo daquele sé-

culo, as mesmas limitações de caráter material, a mesma autonomia, com baixíssimo grau de dependência dos produtos externos, importados, e, provavelmente, as mesmas formas de relações sociais que caracterizam as sociedades intrínsecas, não-capitalistas, as quais foram discutidas acima com base no material do sítio Queimadas I.

Do mesmo modo que a análise diacrônica indica um alto grau de manutenção dos padrões tradicionais de vida material por esta população sertaneja ao longo do século XIX, ela também demonstra que a estrutura social dessa região manteve-se intacta durante este período, com os sertanejos reproduzindo, ao longo do tempo, as mesmas práticas econômicas que os mantinham na base dessa estrutura hierárquica. Nesse sentido é interessante notar que essas mesmas práticas que garantiam a sua quase independência do mercado externo e, por conseguinte, do sistema capitalista, também serviram para reproduzir a sua posição inferior na estrutura social do sertão, estrutura esta que manteve em seu topo, desde o período colonial, os grandes proprietários rurais.



Considerações finais

A análise do material dos sítios históricos Queimadas I e Baixa Dantas revelou algumas facetas significantes do comportamento material e práticas cotidianas da população sertaneja oitocentista do Cariri. O aspecto que ficou mais evidente foi a grande autonomia nos padrões de vida material dessa população, demonstrando uma situação de quase auto-suficiência com relação aos recursos do mercado externo. Esta autonomia, marcada pela dependência dos produtos locais e, conseqüentemente, pela importância fundamental das esferas de interação local e regional, é característica de uma economia sub-capitalizada, e, portanto, de uma sociedade que deve ser entendida em seus próprios termos, antes do que através do uso de categorizações genéricas como *status* sócio-econômico e ideologia do consumo. Antes, as evidências discutidas apontam para a manutenção de uma lógica econômica camponesa, em que o produto do trabalho na terra é trocado por itens artesanais de produção local-regional, claramente representados pelas cerâmicas, a categoria material altamente majoritária em ambos os sítios. Esta lógica econômica, conforme expresso, não visa a acumulação de capital e bens materiais, mas antes a sobrevivência em longo termo. Assim, as relações sociais foram determinantes para a sobrevivência desses grupos, como é típico das sociedades intrínsecas as quais nos referimos.

A cerâmica de produção local-regional, portanto, ainda que tivesse um valor econômico inferior ao das louças importadas, manteve um valor social muito superior ao daquelas, representando os laços, obrigações, deveres, e reciprocidade que deviam ser mantidos pelos grupos domésticos que compunham essa sociedade para garantirem a sua sobrevivência em um meio natural e social muitas vezes imprevisível, no qual a ameaça de secas de proporções catastróficas, de coronéis tiranos, e de bandidos impiedosos era

uma constante. Dessa forma, a cerâmica local-regional foi uma expressão material da identidade sertaneja e dos laços sociais vinculados a essa identidade.

Conforme a análise comparativa entre as amostras dos dois sítios sugere, essa significância atribuída à cerâmica local-regional pela população sertaneja parece ter se mantido sem alterações na região ao longo do século XIX, demonstrando que a estrutura social do Cariri manteve-se intacta neste período. Conforme discutido, esta estrutura caracteriza-se pela centralização da terra, do capital, e do poder nas mãos de poucos indivíduos, os grandes proprietários rurais, que vieram a ser conhecidos na região como *coronéis*. Esses grandes proprietários adotavam o sistema de valores vinculado às sociedades capitalistas, extrínsecas, em que o individualismo, a posse de bens materiais, e a exploração do trabalho de terceiros (seja escravos, agregados ou diaristas) são as características essenciais. Assim, este grupo diferenciou-se dos sertanejos em uma série de aspectos, incluindo os padrões de vida material, o comportamento social mais urbano, influenciado pelos discursos europeus relacionados ao ideal de domesticidade, e pela manutenção de vínculos mais abrangentes nas esferas nacional e internacional, antes que local e regional.

Nesse sentido é irônico notar que a mesma autonomia econômica mantida pelos grupos domésticos sertanejos aqui estudados, expressa pela dependência dos produtos locais-regionais e pela manutenção de todos os seus vínculos sociais nessas duas esferas, servia também para mantê-los como um grupo subalterno na estrutura social do sertão, e assim para reproduzir as desigualdades sociais desse sistema. Conforme demonstrou a análise inter-sítios, os padrões de vida material deste grupo praticamente não se alteraram entre o começo e o final do século XIX, demonstrando sua imobilidade social em uma rígida estrutura hierárquica, que se manteve

ve sem alterações nesta região desde o início do período colonial.

Agradecimentos

Dedico este trabalho aos moradores do povoado de Pocinho com quem tive o prazer de trabalhar nas atividades de prospecção e resgate dos sítios ao longo do trecho da Transnordestina entre Missão Velha e Salgueiro: Antônio Moisés dos Santos, José Gilvano, Antônio de Jesus, Cícero Rocha, Cícero Andrade, Francisco Assis, Marcondes, Lânio, Silva, Jean, Damião, Bastião

e Pedro. Agradecimentos especiais a Paulo Zanettini, com quem tive a grata oportunidade de trabalhar e aprender no desenvolvimento deste e de outros projetos da Zanettini Arqueologia, e aos colegas de campo e laboratório: Luiz Fernando E. Lima, Camila A. Moraes, Ângelo A. Costa, Danielle G. Samia, Luiz A. P. Queiroz, Juliano Meneghello, Paulo J. Lima, Carlos A. Alvez, Luana A. Antoneto, Louis Van Sluys e José Q. S. Júnior. Por fim, mas não menos importante, agradeço a Andres Zarankin pelos comentários feitos à primeira versão deste trabalho.

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, A. 1986. Commodities and the politics of value, In *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, ed. A. Appadurai, Cambridge, Cambridge University Press, pp.3-63.
- BAUGHER, S. 1982. Analysing glass bottles for chronology, function, and trade networks In: DICKENS, Jr. & ROY, S. (eds.), *Archaeology of urban America. The search for patterns and process*. New York: Academic Press.
- BEAUDRY, M. 1984. Archaeology and the historical household. *Man in the Northeast* 28:27-38.
- BEAUDRY, M et alli. 1991. A vessel typology for early Chesapeake ceramics: the Potomac Typological System. In: *Approaches to material culture research for historical archaeologists*. California: The Society for Historical Archaeology.
- BERNARDES, D. M. 2007. Notas sobre a formação social do Nordeste. *Lua Nova* 71:41-79.
- BLANTON, R. 1994. *Houses and Households: A Comparative Study*. New York, Plenum Press.
- BRANCANTE, E. F. 1981. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo, Cia. Litográfica Ipiranga.
- CASCUDO, L. C. 1977. *Antologia da Alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos.
- DEAGAN, K. 1991. Historical archaeology's contribution to our understanding of early America. In FALK, L. (ed.), *Historical Archaeology*. Washington, DC, Smithsonian Institution Press, pp. 97-113.
- DEETZ, J. 1977. *In Small Things Forgotten*. New York, Anchor Press.
- DUMONT, L. 1977. *From Mandeville to Marx: the genesis and triumph of the economic ideology*. Chicago, University of Chicago Press.
- FERGUSON, L. 1992. *Uncommon Ground: Archaeology and Early African America, 1650-1800*. Washington and London, Smithsonian Institution Press.
- FERRAZ, T. V. 2004. *A Formação da Sociedade no Sertão Pernambucano: trajetória de núcleos familiares*. Dissertação de mestrado, Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- GIRÃO, R. 1971. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza, Imprensa Universitária.
- GROSS, S. A. _____. 1968. Religious sectarianism in the sertão of Northeast Brazil 1815-1966. *Journal of Inter-American Studies* 3:369-383.

- HUME, I. N. 1991. *A guide to artifacts of colonial America*. New York, First Vintage Books.
- JOHNSON, A. 1997. The psychology of dependence between landlord and sharecrooper in Northeastern Brazil. *Political Psychology* 18 (2):411-438.
- JONES, O. & SULLIVAN, C. 1989. *Glass Glossary*. Quebec, Canadian Parks Service.
- KEARNEY, M. 1996. *Reconceptualizing the Peasantry: Anthropology in Global Perspective*. Boulder, Westview Press.
- KLEIN, T. 1991. Nineteenth-century ceramics and models of consumer behavior. *Historical Archaeology* 25 (2): 77-91.
- KOVEL, R. & KOVEL, T. 1986. *Kovel's new dictionary of marks – Pottery and Porcelain*. New York, Crown Publishers.
- KOPYTOFF, I. 1986. The cultural biography of things: commoditization as process. In Appadurai, A. (Ed.) *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge University Press, Cambridge, pp.64-91.
- KROEBER, A. L. 1948. *Anthropology*. New York, Harcourt, Brace and Co.
- LIMA, T. A. 1999. El huevo de la serpiente: una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX. In: ZARANKIN, A., ACUTO, F (eds.). *Sed non satiata – Teoria social en la arqueología latinoamericana contemporánea*. Buenos Aires, Ediciones del Tridente.
- _____. 2000. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 3:93-129.
- LIMA, T. et al. 1989. Aplicação da Formula South a Sítios Históricos do Século XIX. *Dédalo*, 27: 83-97.
- _____. 1989a. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. *Dédalo, Publicações Avulsas*, São Paulo, (1): 205-230.
- LITTLE, B. J. 1994. People with history: na update on historical archaeology in the United States. *Journal of Archaeological Method and Theory* 1 (1), pp.5-40.
- MAJEWSKI, T. & O'BRIEN, M. 1987. The use and misuse of nineteenth-century English and American ceramics in archaeological analysis. *Advances in Archaeological Method and Theory* 11:97-209.
- MARTINEZ, P. 2002. Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. *Revista Brasileira de História* 22 (43):251-254.
- MILLER, G. 1980. Classification and economic scaling of 19 th. century ceramics. *Historical Archaeology*, 14, pp.1-40.
- _____. 1991. A revised set of cc index values for classification and economic scaling of English ceramics from 1787 to 1880. *Historical Archaeology*, 25 (1), pp.1-25.
- _____. 2000. Telling time for archaeologists. *Northeast Historical Archaeology* 29:1-22.
- MORAES, D. 2005. Trilhas e enredos no imaginário social de sertão no Piauí. Ensaio elaborado para o Seminário sobre Patrimônio Cultural. FUNDAC e UESPI, Terezina.
- NEVES, F. 2005. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a se de 1878 no Ceará. *Tempo* 11 (22):80-98.
- ORSER, C. 1992. Beneath the material surface of things: commodities, artifacts, and slave plantations, *Historical Archaeology*, 26:3: 95-103.
- _____. 1996. *A Historical Archaeology of the Modern World*. New York, Plenum Press.
- PLATTNER, S. 1989a. Introduction. In: PLATTNER, S. (ED.), *Economic Anthropology*. Stanford, Stanford University Press, pp:1-20.

- _____. 1989b Marxism. In PLATTNER, S. (ed.), *Economic Anthropology*. Stanford: Stanford University Press, pp. 379-396.
- SCOTT, E. 1997. "A little gravy in the dish and onions in a tea cup": What cookbooks reveal about material culture. *International Journal of Historical Archaeology*, 1 (2):131-156.
- SINGELMANN, P. 1975. Political Structure and Social Banditry in Northeast Brazil. *Journal of Latin American Studies* 7 (1):59-83.
- SINGLETON, T. 1996. The archaeology of slave life. In: CAMPBELL, D. (ed.). *Before the Freedom Came*. Richmond, Museum of Confederacy, pp.141-161.
- SOUTH, S. 1972. Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. *The Conference on Historical Site Archaeology Papers* 6:71-116.
- 1977 *Method and Theory in Historical Archaeology*. Academic Press, New York.
- STELLE, L. 2001. *An Archaeological Guide to Historical Artifacts of the Upper Sangamon Basin, Central Illinois, USA*. Center For Social Research, Parkland College.
- SYMANSKI, L. C. 2002. Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In Zarankin, A e Senatore, M. (eds.) *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas*. Buenos Aires, Ediciones del Tridente, pp. 88-120.
- _____. 2006. *Slaves and Planters in Western Brazil: material culture, identity and Power*. Tese de doutorado, Gainesville, University of Florida.
- _____. 2007. A Presença Africana no Vale do Guaporé (MT). In *Projeto Fronteira Ocidental*, Relatório geral do ano de 2007. São Paulo, Zanettini Arqueologia.
- Em preparação. Modernização agrária, cultura material e práticas sociais na Zona da Mata pernambucana e alagoense na segunda metade do século XIX.
- SYMANSKI, L. C. & SOUZA, M. A. 2006. A Arqueologia Histórica: relações sociais e construção de identidades na região do Rio Manso, séculos XVIII e XIX In: FRAGA, L. (ed.) *História e Antropologia no Vale do Rio Manso*. Editora UCG, Goiânia, pp. 241-264.
- VIEIRA JÚNIOR, A. 2002. O açoite da seca: família e migração no Ceará (1780-1850). Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto (MG), 4 a 8 de novembro de 2002.
- WOLF, E. 1982. *Europe and the People without History*. University of California Press, Berkeley.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. 2007a *Programa de resgate do patrimônio arqueológico, histórico e cultural da Ferrovia Transnordestina, trecho Missão Velha (CE) – Salgueiro (PE)*, São Paulo, 26 pgs.
- _____. 2007b *Programa de resgate do patrimônio arqueológico, histórico e cultural da Ferrovia Transnordestina, trecho Missão Velha (CE) – Salgueiro (PE)*. Termo de conclusão de campo, São Paulo, 145 pgs.
- _____. 2007c *Projeto Fronteira Ocidental*. Relatório geral do ano de 2007, São Paulo, 185 pgs.
- _____. 2008a *Programa de resgate do patrimônio arqueológico, histórico e cultural da Ferrovia Transnordestina, trecho Missão Velha (CE) – Salgueiro (PE)*. Relatório de conclusão de laboratório, arqueologia histórica, São Paulo, 53 pgs.
- _____. 2008b *Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico e Histórico-Cultural da Companhia Ferroviária do Nordeste, Trecho 3 (Cabo-Propriá)*. Relatório de conclusão de laboratório, São Paulo, 118 pgs.